

## **Entre informalidades e ilegalismos: pensando a experiência de Polícia Comunitária no Ceará<sup>1</sup>**

Letícia de Sousa Araújo (UFC)  
Jania Perla Diógenes de Aquino (UFC)

### RESUMO

Nas sociedades contemporâneas, as Polícias integram o aparato da segurança pública dos Estados Nacionais. Em decorrência desta “função social” que lhe tem sido oficialmente atribuída, há a expectativa de que o corpo policial seja assíduo no cumprimento da lei. Todavia, matérias de jornais e estudos acadêmicos realizados em vários países, sobretudo da América Latina, mostram que por trás de uma aparente observância rígida à legislação, a informalidade (e, não raro, a ilegalidade) exerce protagonismo no cotidiano de trabalho das Polícias. Com base em uma pesquisa etnográfica realizada junto a policiais militares do *Programa Ronda do Quarteirão* no Ceará, observamos que práticas como porte de arma fora do horário de serviço, uso de carros oficiais em atividades de interesse pessoal e até recebimento de gratificações (dinheiro, telefones celulares, roupas e gêneros alimentícios) de comerciantes em troca de “atenção especial” concedida a seus estabelecimentos, dentre outras, são corriqueiras e não são percebidas como “erro” ou “desvio” em suas funções. Ao abordar o cotidiano deste segmento policial, enfatizamos transversalidades e agenciamentos que contornam regulamentos oficiais e pautam o trabalho nas ruas, onde as “normas do quartel” são resignificadas. O paper indaga se a pretensão de constituir uma Polícia Comunitária, pautada na proximidade e desenvolvimento de parcerias com a população, estimula o efetivo do *Ronda do Quarteirão* a quebrar protocolos e “afrouxar” regras.

Palavras-chave: Ronda do Quarteirão, informalidade, ilegalidade

---

<sup>1</sup>Trabalho apresentado na 28ª. Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 02 e 05 de julho de 2012, em São Paulo, SP, Brasil.

## **Apresentação**

Este *paper* é fruto de uma pesquisa etnográfica ainda em andamento realizada junto a policiais militares do *Programa Ronda do Quarteirão* no Ceará que tem como locus empírico um dos Núcleos de Policiamento Comunitário (NPCs)<sup>2</sup> localizados em Fortaleza, ambiente com grande fluxo de policiais que chegam e saem do serviço de policiamento ostensivo.

Com a prévia autorização do Comando Geral da Polícia Militar do Ceará estão sendo realizadas visitas periódicas, através das quais é possível acompanhar e observar algumas atividades dos policiais nesse ambiente, sobretudo as rendições. A rendição é o momento em que há a troca de turno entre os policiais que saem e chegam do serviço, ocorrendo sempre no horário das 6h, 14h e 22h<sup>3</sup>. Durante a rendição os policiais que estão entrando no serviço recebem as instruções, geralmente dos fiscais de policiamento<sup>4</sup>, para as atividades de policiamento ostensivo. Também é realizado o controle de frequência dos policiais, a verificação dos uniformes, do material de trabalho e das viaturas. Já os policiais que estão saindo do serviço devem deixar o material de trabalho (tonfa, algema e arma) na reserva de armamento do NPC e preencher o relatório de alterações<sup>5</sup>. Antes do início de cada rendição sempre há um movimento maior de policiais no NPC, momento em que normalmente conversam informalmente entre si sobre os mais diversos assuntos. A partir da observação e registro desses momentos, além de entrevistas individuais e conversas informais, foram retirados os relatos e informações que conduzem este trabalho e nos aproximam de alguns aspectos ligados ao cotidiano de trabalho desses policiais.

---

<sup>2</sup> A partir da publicação da Lei nº. 14.685, de 30/04/2010, a nomenclatura inicial denominada Área Operacional Integrada (AOPI) – área assistida pelo programa Ronda do Quarteirão – foi substituída por Núcleo de Policiamento Comunitário (NPC). Em Fortaleza existem onze NPC's responsáveis por cada área de atuação do efetivo do Ronda do Quarteirão. Por questões éticas o NPC onde está sendo realizada a pesquisa não será identificado.

<sup>3</sup> As atividades de policiamento funcionam em três turnos de trabalho, cada um deles de oito horas: turno A (6h às 14h), turno B (14h às 22h) e turno C (22h às 6h).

<sup>4</sup> Em cada turno existe um fiscal de policiamento, responsável por fiscalizar o trabalho das viaturas e pelo auxílio aos policiais em determinadas ocorrências.

<sup>5</sup> Os policiais relatam por escrito para o fiscal de policiamento as principais ocorrências durante o serviço, que são repassadas para o Livro de Registro de Ocorrência do NPC para que o comandante e o subcomandante do núcleo verifiquem e dêem os encaminhamentos necessários.

## 1. O Ronda do Quarteirão no contexto da (in)segurança pública do Ceará

Como em muitos estados, o contexto da segurança pública no Ceará é marcado por uma trajetória de crises e violência que sucessivamente se repetiu em vários mandatos para o governo do estado<sup>6</sup>, ainda que nas últimas décadas a área de segurança tenha sofrido diversas alterações em sua estrutura administrativa e operacional com o intuito de recuperar a credibilidade que há muito os órgãos responsáveis haviam perdido. No entanto, demonstrando suas fragilidades no combate à violência e à insegurança, as ações implementadas ao longo dos anos não trouxeram as mudanças efetivas almejadas pela sociedade cearense.

Foi neste contexto que o atual Governador do Estado, Cid Ferreira Gomes, dirigiu seus esforços durante toda a campanha eleitoral de 2006 para a área da segurança pública. A partir do que Barreira (2008) chama “politização dos problemas da área de segurança pública”, quando os problemas envolvendo a questão da violência, da insegurança e do medo aparecem como estratégia eleitoral para angariar votos – implantou-se no final do ano de 2007 o programa Ronda do Quarteirão.

Segundo o projeto original, “o Ronda fundamentou-se estrategicamente a partir da delimitação do problema ‘a criminalidade no Ceará alcançou dimensões inaceitáveis’ [incluindo] uma proposta de policiamento ostensivo a ser desenvolvido de forma permanente, interativa e essencialmente preventiva” (CEARÁ, 2007, p. 4). A partir dessa idéia, criou-se em 2010 um batalhão exclusivo para o Ronda do Quarteirão – o Batalhão de Policiamento Comunitário (BPCOM) – e apostou-se em um redirecionamento das estratégias de policiamento através, segundo o projeto, dos princípios de uma *polícia comunitária*, a “polícia da boa vizinhança”<sup>7</sup>, baseada no reforço dos vínculos entre a polícia e a comunidade.

O Ronda do Quarteirão buscava priorizar aspectos como a polícia de proximidade, a integração com a comunidade por meio de visitas comunitárias (em residências, escolas, praças, etc.) e a formação “mais humana” dos agentes policiais, voltada para a garantia dos direitos individuais a partir da elaboração de uma grade curricular específica na qual foram incorporadas as disciplinas de Policiamento Comunitário, Direitos Humanos e Mediação de Conflitos, sugerida pela Secretaria Nacional de Segurança Pública (SENASP).

---

<sup>6</sup> Tasso Jereissati (1987-1990/1995-2002), Ciro Gomes (1991-1994) e Lúcio Alcântara (2003-2006). Ver Barreira (2004) e Freitas; Mello; Almeida (2009).

<sup>7</sup> Slogan do Programa Ronda do Quarteirão.

Dentre os objetivos do programa estão a diminuição dos índices de criminalidade e violência; a melhoria na satisfação da população em relação ao atendimento oferecido pelos agentes de segurança por meios das ações de policiamento comunitário<sup>8</sup>; participação da comunidade na análise e solução dos problemas de segurança pública; o fortalecimento dos laços de confiança entre polícia e comunidade; e redução na sensação de insegurança nas comunidades assistidas pelo programa.

Inicialmente o Programa Ronda contemplou cinco áreas da capital Fortaleza e região metropolitana como projeto piloto escolhidas por suas características específicas, sobretudo, critérios ligados à economia, classe social, tipicidade criminal, locais com intenso fluxo de pessoas e comércios, dentre outros. A segunda fase do Programa, que teve início a partir do segundo semestre de 2009 e concluída até o final de 2010, contempla também cidades do interior do estado.

Pensou-se que para atingir o objetivo de uma “polícia de aproximação”, seria necessário que ela trabalhasse em um espaço geográfico pequeno. Para isso, os policiais atuariam exclusivamente em sua respectiva base territorial (cada uma possuindo de 1,5 a 3 Km<sup>2</sup>) a bordo de modernas viaturas equipadas com a mais alta tecnologia em equipamentos, tais como: TMD, um computador de bordo que contém a ficha criminal de acusados e informações sobre número de placas de veículos; “cabeça de bode”, sistema de rádio-comunicação ligado ao Centro Integrado de Operações de Segurança (CIOPs) que repassa para a viatura as ocorrências solicitadas pelo 190; câmeras de vigilância na parte dianteira e traseira da viatura; e um celular para atender as demandas de suas respectivas áreas<sup>9</sup> (figura 1).

---

<sup>8</sup> Existe toda uma discussão teórica – Rosenbaum (2002) e Bayley & Skolnick (2002) – em relação ao uso do termo “policiamento comunitário” que adquiriu certa popularidade e vem sendo largamente utilizado para designar as mais variadas estratégias de policiamento. Não me deterei neste trabalho à problematização do termo, remeterei a ele apenas para tratar uma de suas principais características: a experiência de proximidade entre a polícia (Ronda do Quarteirão) e a comunidade.

<sup>9</sup> Logo no início do programa, foram distribuídos aos moradores de cada área folders de identificação contendo a foto dos policiais que lá atuariam, além de ímãs de geladeira com o número do telefone de cada viatura. Para ilustrar a preocupação com os detalhes e a imagem do programa, um policial em conversa informal revelou que no começo havia toda uma produção especial com os policiais de cada viatura, que recebiam no DETRAN-CE (Departamento de Trânsito do Ceará) um treinamento especial sobre como atender as pessoas, além de regras de etiqueta e maquiagem para as fotos que seriam estampadas em tais folders.



Figura 1. Estrutura interna e externa da viatura do Ronda do Quarteirão

Fonte: Jornal O Povo

É importante ressaltar aqui o verdadeiro bombardeio de críticas ao programa antes mesmo de ter sido implantado oficialmente. Isso porque o projeto Ronda do Quarteirão e essa nova política de segurança pública contou com um investimento de R\$ 44 milhões do estado, sendo R\$ 30 milhões destinados somente à compra de viaturas importadas modelo Toyota Hilux SW4. Devido a essa forte visibilidade do programa era comum na época ouvir nas conversas entre as pessoas comentários relacionados àquilo que foi considerado uma ostentação: “*não precisava ser uma Hilux*”, “*isso é uma exagero caro*”, “*a manutenção de um carro desse é caríssima*”. O Governador do Estado no evento de lançamento do programa não deixou de pronunciar-se diante das críticas. Seu discurso girou em torno da importância de modernização da polícia cearense que, segundo ele, encontrava-se “*na Idade da Pedra Lascada*”: “*Os carros comprados pela polícia há menos de dois anos estão liquidados. A polícia tem que estar bem equipada para intimidar os bandidos. Vou continuar investindo para enfrentar em*

*pé de igualdade a criminalidade organizada que usa tecnologia há muito tempo”<sup>10</sup>. No mesmo dia, o então Secretário de Segurança Pública também se pronunciou anunciando um “dia de glória” para a segurança pública cearense: “Não estamos dando à população um carro blindado, feio, pintado de preto (provavelmente fazendo referência ao conhecido ‘Caveirão’ do BOPE no Rio de Janeiro), mas um carro novo, bonito, com homens capacitados para proteger a população”.*

Junto a esta questão está a polêmica em torno do novo fardamento – exclusivo para os policiais que atuariam no programa e que os diferenciaria dos demais da corporação – que foi escolhido a partir da realização de um concurso entre estilistas que premiava com 15 mil reais o vencedor. O famoso estilista Lino Villaventura venceu após criar uma farda considerada “menos agressiva”, com um tom de cor mais claro para romper com o “peso” da antiga farda (figura 2).



Figura 2. Ronda do Quarteirão: novos fardamentos, viaturas e condições de trabalho

Fonte: < [www.seguranca.ce.gov.br](http://www.seguranca.ce.gov.br)>

A esta lista de críticas ao programa incluiu-se também o curso de formação dos policiais que atuariam no programa. Os novos policiais recrutados passaram por um “treinamento relâmpago” de apenas três meses<sup>11</sup>, na época a menor carga horária entre os estados do Nordeste, o que despertou a crítica não apenas de setores da população em

<sup>10</sup> Ver SEGURANÇA recebe 286milhões. **Diário do Nordeste online**. Fortaleza, 22 nov. 2007. Disponível em: <<http://diariodonordeste.globo.com/materia.asp?codigo=489461>>. Acesso em: 29 mai.2009.

<sup>11</sup> Atualmente o curso de formação de soldados do Ronda do Quarteirão tem duração de seis meses.

geral, mas também da comunidade acadêmica formada por estudiosos e pesquisadores da área da segurança pública e violência<sup>12</sup>. Essa polêmica em torno da eficácia da formação e o despreparo dos policiais do Ronda do Quarteirão voltou à tona em 2010, quando em uma abordagem policial um jovem de 14 anos foi confundido com um assaltante e alvejados por disparos fatais enquanto trafegava a bordo de uma motocicleta conduzida por seu pai<sup>13</sup>, caso que gerou intensa comoção social e repercussão midiática.

### **1.1. Resistências e divisões dentro da PMCE: a “polícia do luxo” e a “polícia do lixo”**

Ao contextualizar o programa Ronda do Quarteirão merece destaque o fato de que sua implantação representou uma ameaça às relações de poder dentro da Polícia Militar do Ceará a partir de uma série de divergências que acarretaram uma tensão constante entre os “policiais antigos” – considerados mais experientes por estarem há mais tempo na corporação – e os “novos policiais”, os “meninos do Ronda”<sup>14</sup>, em sua maioria jovens e iniciantes na carreira policial militar. Não é novidade que geralmente tudo aquilo que é novo de início causa estranhamento e sofre resistências. Quando se trata das forças policiais brasileiras, as resistências às inovações adquirem proporções maiores por conta de “uma mentalidade solidificada que tem dificuldades em aceitar que as estruturas das forças policiais precisam passar por renovações e críticas” (SOUSA, 2008, p. 87).

Para os policiais da “velha polícia”<sup>15</sup>, o Ronda do Quarteirão tornou-se o “queridinho do Governo”<sup>16</sup>, a preferência do estado manifestada, segundo eles, desde o período da campanha eleitoral de 2006, na qual a proposta do programa foi o grande carro-chefe. A grande questão envolvendo a rivalidade entre esses policiais dizia respeito, sobretudo, às condições de trabalho. Enquanto o Ronda do Quarteirão (a “polícia do luxo”) ostentava todo um aparato sofisticado para o desenvolvimento de suas atividades, a outra parcela da polícia (a “polícia do lixo”) continuava seus serviços

---

<sup>12</sup> Ver: ESPECIALISTAS alertam para formação policial. **Diário do Nordeste online**. Fortaleza, 8 nov. 2007. Disponível em: <[www.diariodonordeste.com.br](http://www.diariodonordeste.com.br)>. Acesso em: 29 mai. 2009.

<sup>13</sup> Ver: GAROTO morto com tiro de PM. **Diário do Nordeste online**. Fortaleza, 26 jul. 2010. Disponível em: <<http://diariodonordeste.globo.com/materia.asp?codigo=821318>>. Acesso em: 20 set. 2010.

<sup>14</sup> Forma pejorativa como os “policiais antigos” se referem aos jovens policiais do Ronda do Quarteirão.

<sup>15</sup> Por vezes denominada “polícia tradicional” e representada também pelo P.O.G (Policiamento Ostensivo Geral).

<sup>16</sup> Assim referiu-se um policial militar “antigo” em conversa informal ao afirmar que se sua filha entrasse para a Polícia Militar gostaria que ela fosse destacada para o Ronda do Quarteirão porque ele era o “queridinho do Governo”.

em condições precárias<sup>17</sup>. Além disso, o pagamento de uma gratificação especial aos policiais do Ronda do Quarteirão, da Casa Militar, da Assembléia Legislativa e do Tribunal de Justiça como forma de incentivo, foi decisivo para acirrar ainda mais as insatisfações dos demais policiais.

Ao invés de se equipar toda a polícia, dando fardamento novo, viaturas novas, se segregou, se convocou o concurso e se contratou novos policiais. Então se fez uma polícia dentro de outra polícia. Hoje em dia o policial do Ronda ele não diz que é da Polícia Militar, diz que é do Ronda. Você assiste um programa policial o cara diz: “As viaturas da Polícia Militar e do Ronda já chegaram ao local”. Ora, tudo é Polícia Militar! Mas, o Governador fez questão da propaganda, do marketing e de dizer que eram duas coisas distintas: a PM e o Ronda. (Policial militar em conversa registrada em diário de campo)

O fato é que apesar de todas as críticas feitas ao Ronda do Quarteirão, dividindo opiniões dentro e fora da instituição policial, o reconhecimento social do programa foi visível. Em uma pesquisa realizada pelo Jornal O POVO/Datafolha em 2008, o Ronda do Quarteirão obteve um alto índice de aprovação (72%) entre os moradores de Fortaleza<sup>18</sup>. De fato, percebeu-se o aumento da percepção de credibilidade da polícia e da “sensação de segurança” gerada pela presença constante de policiais e viaturas nas ruas, além do aumento das chamadas de registro de ocorrências e do número de prisões em flagrante<sup>19</sup>. Nesse sentido seus efeitos foram positivos, tendo em vista que a aceitação da população é algo imprescindível para a legitimidade de qualquer política pública de governo.

## **2. Ronda do Quarteirão: entre o discurso e a prática**

Vimos que o Ronda do Quarteirão foi apresentado pelo governo do estado à população como a “Polícia da boa vizinhança”. O marketing político por trás das propagandas televisivas e radiofônicas enfatizavam as mudanças trazidas com a

---

<sup>17</sup>Atualmente todos os policiais militares do Ceará que atuam no P.O.G possuem fardamento novo e todas as viaturas da Polícia Militar e Civil são do modelo Hilux SW4. A grande discussão hoje em torno dessa rivalidade diz respeito à entrada de “policiais antigos” no Ronda do Quarteirão. Alguns foram transferidos para o programa sem direito de escolha e, por vezes, foram apontados como aqueles que iriam “contaminar” os policiais mais novos do Ronda com a sua “cultura da repressão e da truculência”.

<sup>18</sup>RONDA é aprovado por 72% dos fortalezenses. **O Povo Online**. Disponível em: <<http://www.opovo.com.br/www/opovo/fortaleza/818827.html>>. Acesso em 21/11/2010.

<sup>19</sup> Saliendo que para uma análise dos resultados trazidos após a implantação do Programa Ronda do Quarteirão seria necessário uma pesquisa mais aprofundada. Porém, neste trabalho me aproprio da idéia de “sensação de segurança”, que não designa qualquer aspecto relacionado à eficiência do Ronda do Quarteirão.



sofisticada infra-estrutura de trabalho desta “nova polícia” e a população, como vimos, mostrou-se satisfeita com os resultados preliminares do programa.

A partir de 2008, todavia, a imprensa cearense começou a noticiar casos polêmicos envolvendo policiais que atuam no programa e que começaram a macular a imagem daquela considerada a maior aposta do governo do Ceará para a área da segurança pública. Ganharam repercussão na mídia os inúmeros acidentes de trânsito deflagrados pelo despreparo dos seus agentes na condução das modernas viaturas, chegando, inclusive, a serem proibidas pelo próprio comando do Ronda durante um bom tempo as perseguições policiais, após 20% da frota de viaturas estar “baixada”<sup>20</sup> na época: *“A determinação é essa. Essas perseguições são proibidas. A doutrina de hoje proíbe perseguições malucas, hollywoodianas. Hoje, é fazer o cerco inteligente. Não queremos que o policial satisfeito maluco, nas ruas. O bandido pode, mas o policial não”*<sup>21</sup>.

Outra notícia que ganhou destaque na imprensa foi a expulsão de seis soldados do Ronda do Quarteirão acusados, após uma apuração rigorosa, de realizarem “pega” em três viaturas do programa em plena luz do dia ao final do expediente de trabalho em um bairro de Fortaleza em fevereiro de 2011<sup>22</sup>. Durante as investigações, a indisciplina foi constatada pelo próprio sistema de monitoramento das viaturas que, dentre suas inúmeras formas de vigilância, repassa informações sobre a velocidade da viatura<sup>23</sup>.

Também soou embaraçosa a veiculação de imagens e o áudio de um policial em contato erótico com uma jovem no interior de uma viatura na Região Metropolitana de Fortaleza, além dos inúmeros casos de policiais flagrados dormindo em viaturas durante o serviço.

Tais episódios divulgados pela imprensa cearense começaram a suscitar discussões sobre a viabilidade desta “nova polícia” e a formação do seu efetivo. Desde que o programa foi lançado, em novembro de 2007, até o ano de 2009 já havia 210 sindicâncias abertas pela então Corregedoria dos Órgãos de Segurança<sup>24</sup> contra policiais que atuavam no Ronda do Quarteirão. O sucesso e a eficiência do programa de polícia comunitária, embora avaliados de forma prematura, começaram a ser colocadas em

---

<sup>20</sup> Termo utilizado para referir-se às viaturas que estão em conserto.

<sup>21</sup> Ver: ACIDENTES destroem viaturas. **Diário do Nordeste Online**. Fortaleza, 19 out. 2009. Disponível em: <<http://diariodonordeste.globo.com/materia.asp?codigo=681608>>. Acesso em: 1 mai. 2012.

<sup>22</sup> Ver: PMS expulsos por praticar ‘pega’. **Diário do Nordeste Online**. Fortaleza, 24 fev. 2012. Disponível em <<http://diariodonordeste.globo.com/materia.asp?codigo=1107963>>. Acesso em: 1 mai. 2012.

<sup>23</sup> Veremos posteriormente o funcionamento do sistema de vigilância no Ronda do Quarteirão.

<sup>24</sup> Atualmente Controladoria Geral de Disciplina dos Órgãos de Segurança Pública.

xeque e tais acontecimentos, além de outras questões, começaram a preocupar o alto comando da Polícia Militar do Ceará. Os rumos do programa Ronda do Quarteirão começaram a mudar após a saída do delegado aposentado da Polícia Federal, Roberto Monteiro, primeiro Secretário de Segurança civil do estado e que ocupava o cargo desde o primeiro mandato do governador Cid Gomes. No período em que ocupou o cargo, mostrou-se em diversas ocasiões defensor dos direitos humanos e aberto a parcerias e diálogos com a universidade. Em 2010, foi substituído pelo Coronel PM Francisco José Bezerra Rodrigues, até então chefe da Casa Militar, pessoa de confiança do governador e (re)conhecido por sua trajetória operacional de trabalho.

## **2.1. Ilegalismos e o sistema de vídeo-monitoramento do Ronda do Quarteirão: o “Big Brother Brasil” da Polícia Militar cearense**

Noite em Caucaia. Turno C [...] de um plantão policial. Uma Hilux do Ronda do Quarteirão está parada em local ermo. Não há casas nas proximidades, a iluminação do lugar é precária e nenhum carro vem ou vai. Dentro da viatura refrigerada, um soldado troca carícias, beijos e gemidos com uma garota. De repente, o toque do telefone os interrompe. É o celular da moça. Depois de algumas desculpas e respostas monossilábicas e após desligar o telefone ela se aperreia: “É meu marido!”. Incontinentemente, o idílio se desfaz e rapidamente a viatura retorna para um dos bairros de Caucaia, na Região Metropolitana de Fortaleza. A garota desce em um local que não dá na vista alheia e em seguida um outro militar, deixado em um bar para não atrapalhar o *affair*, reembarca na Hilux: “Tu num tem medo de morrer não, macho?”. Escutam-se risos e os dois retornam o patrulhamento da área. (Jornal O POVO, 13 de julho de 2009)

O diálogo acima foi registrado pelo sistema de câmeras de uma viatura do Ronda do Quarteirão. Este caso da “viatura motel”, como ficou conhecido na época, juntamente com as situações citadas anteriormente evidenciam o forte aparato de vigilância ao qual estão submetidos os policiais que atuam no programa.

Em uma visita feita ao Batalhão de Policiamento Comunitário (BPCOM) em 2011 para negociar a autorização para a realização da pesquisa de campo tivemos a oportunidade de conhecer a área de vídeo-monitoramento das viaturas do Ronda do Quarteirão. A sala é um ambiente amplo e nela se dividem vários agrupamentos de mesas, cada um com quatro computadores e um funcionário terceirizado em cada um deles. Cada agrupamento representa o monitoramento das viaturas de uma determinada área. O responsável pela sala de monitoramento chegou a fazer um teste de comunicação com uma viatura para que pudéssemos visualizar o funcionamento das

atividades. Ele dirigiu-se a um dos computadores, escolheu aleatoriamente uma viatura e ligou para os policiais que nela estavam para demonstrar como funcionava o sistema de câmera e áudio. Perguntou a um dos policiais da viatura como estava o serviço e, ao ouvir do mesmo uma resposta positiva, encerrou o contato. Em seguida, mostrou-nos o monitoramento das viaturas através de um amplo mapa retroprojetado em um painel da sala. Através desse sistema é possível saber, por exemplo, se a viatura se encontra dentro ou fora da sua área de atuação. Estando fora, o monitoramento envia imediatamente uma mensagem para a viatura avisando que o policial retorne à sua área. Além disso, no sistema também consta se a viatura está parada, há quanto tempo ela está parada<sup>25</sup>, e até mesmo se ela está ligada ou não.

Ao final de nossa visita, fomos embora inquietas pensando exatamente até que ponto todo esse aparato de vigilância ao qual estão submetidos os policiais os inibe ou não a cometerem determinadas transgressões e desvios, como vimos, cada vez mais noticiados.

Tal inquietação começou a ser esclarecida exatamente no dia em que, durante uma rendição do turno B, o comandante do NPC conversou com os policiais a respeito de uma ligação que havia recebido do comandante de uma das companhias da Polícia Militar em Fortaleza afirmando ter visto policiais de uma das viaturas que cobrem a área namorando do lado de fora da viatura. Ao falar à tropa, ele comentou: *“Olha, aqui não é ‘Ronda do Garotão’, não. Você que é bonitão e tudo anote o telefone da menina, quando tiver de folga você liga e se encontra com ela, mas durante o serviço, não. Se é verdade essa história eu não sei, vamos ter que apurar. É só ‘puxar’ as imagens e o horário e se ficar comprovado pode ter certeza que mais cedo ou mais tarde o responsável vai arcar com as conseqüências dos seus atos”*. Os policiais ouviram atentamente e foram liberados.

Ao retornar à sala do NPC, o comandante juntamente com outros policiais que ali estavam dirigiu-se a uma das pesquisadoras descontraidamente: *“Vamos perguntar aí à nossa socióloga”*. Rindo, ela perguntou do que se tratava e ele disse: *“O que você acha, Letícia, desses policiais aí namorando em serviço?”*. Receosa em responder e, para fugir de qualquer resposta que pudesse comprometê-la, ela repassou a pergunta:

---

<sup>25</sup> Quando extrapola o tempo permitido que a viatura esteja parada, o monitoramento envia uma mensagem para que ela volte a circular, exceto nos casos em que está havendo atendimento de alguma ocorrência. Enquanto nos explicava, o policial responsável fez a demonstração com uma viatura que estava parada há mais de meia hora – coincidentemente era a que atendia a rua de uma das pesquisadoras. Ele enviou a mensagem até constatar que ela estava parada por conta de uma ocorrência.

*“O que o senhor acha, comandante?”*. Ele prontamente respondeu: *“Rapaz, eu não sei o que se passa na cabeça desses caras, não. Acho que fazem pra testar mesmo esse monitoramento, ou eles acham que não funciona”*. Nesse momento, ela aproveitou a presença de um soldado que estava na sala e perguntou por que ele achava que aconteciam casos desse tipo, apesar de toda a vigilância das câmeras. Ouviu como resposta uma interessante analogia com um famoso reality show: *“Ah, é igual ao Big Brother: com o tempo você se acostuma com as câmeras e esquece que elas estão lá. Aí acaba fazendo merda!”*. A mesma comparação foi feita por um soldado em entrevista, acrescentando ainda que ao mesmo tempo em que há esse costume com as câmeras depois de um tempo, o próprio sistema cuida para que a presença das câmeras seja novamente lembrada: *“É uma falta de privacidade total. A gente não come na frente das câmeras, não pode. Se a gente virar um pouquinho, recebe uma mensagem: ‘mantenha a postura’. Se tiver sem a boina: ‘Bote a boina’. Se tiver com a mochila aqui no banco de trás: ‘Tire a mochila do banco de trás’”*. A hipótese de teste do sistema colocada pelo comandante também apareceu na fala: *“É porque a gente pensa que nunca vai acontecer com a gente: ‘Não, eles não devem tá olhando não, não deve tá filmando agora’. Nesses buracos que a gente pensa que existe, tudo é gravado. É áudio e vídeo, tudo perfeito”*.

É importante destacar os mecanismos que os policiais muitas vezes recorrem para fugir dessa vigilância no cotidiano de trabalho, ocultando determinadas atitudes que possam ser consideradas transgressoras ou ilegais e resultando em punições futuras. Certa vez na recepção do NPC, onde normalmente são feitas as observações, alguns policiais conversavam sobre a saída de um dos fiscais de policiamento do núcleo<sup>26</sup>, não muito querido pela tropa por seu *“jeito arrogante”* no trato com os subalternos: *“É verdade que ele está no monitoramento?”*, perguntou, aflito, um deles. Outro policial confirmou a informação. Nesse momento perguntamos: *“Pra vocês é melhor ele aqui ou lá?”*. Um deles disse: *“Eu não sei o que é pior!”*. Outro opinou, arrancando risos dos colegas: *“É melhor ele lá [no monitoramento], porque aqui ele só perturbava a gente. Lá, ele tem o Ronda todinho pra encher o saco!”*. Nesse momento, outro policial

---

<sup>26</sup> Segundo as informações que obtivemos, sua saída está ligada à queixa e reclamações contra ele de 17 policiais deste NPC junto ao BPCOM. Em nosso caso, a relação com este fiscal era tranqüila. Por inúmeras vezes ele mostrou-se solícito ao nosso trabalho, colocando-se à disposição para qualquer dúvida que tivéssemos. Por conta disso, certa vez um soldado comentou com uma das pesquisadoras a respeito dele: *“cadê teu peixe? (na gíria policial ‘peixe’ é uma expressão utilizada para designar uma pessoa que tem privilégios com outra por manter uma boa relação com ela). Esse teu peixe aí, sei não viu (nesse momento, fez um sinal negativo com os dedos)”*. Já sabendo da “fama” do “seu peixe”, ela brincou: *“Por quê? Ele é tão legal.”* O policial brincou de volta: *“É, porque tu não é policial, se tu fosse tu ia ver”*.

dirigiu-se ao que chegou aflito pela notícia dizendo: “*Relaxa, é só quando tu quiser falar alguma coisa que não pode, tu vai pra fora da viatura e pronto! Se afasta um pouquinho que não tem como ele ver*”. Em entrevista, um soldado também revelou sua estratégia para fugir da fiscalização durante a abordagem policial: “*A gente aborda de lado [da viatura] pra não ficar no campo de visão da câmera, porque de repente a gente pode agir...*”, e logo procura justificar-se: “*não diria de maneira ilegal, mas de uma maneira que a pessoa não sabendo o contexto vai pensar que é um absurdo*”.

Para além das estratégias citadas, existem aquelas mais radicais, como alguns casos comprovados de destruição pelos próprios policiais dos equipamentos de vigilância instalados na viatura. Em 2009, havia doze casos apurados de destruição de HDs com áudios e imagens da viatura por policiais militares<sup>27</sup>.

Outro assunto envolvendo policiais e o sistema de vigilância do Ronda do Quarteirão que teve forte repercussão na imprensa foram os vários flagrantes de PMS dormindo em viaturas durante o serviço<sup>28</sup>:

Na madrugada do dia 11 de agosto de 2010, os três policiais foram presos, em flagrante, acusados de dormir na viatura, durante o horário de serviço. A Hilux estava estacionada dentro de um colégio no bairro Vila Velha, em Fortaleza. Um dos fiscais do Ronda foi até o local e fez o flagrante (Jornal O POVO, 31 de março de 2011)

Neste caso, segundo apuração da Polícia Militar, os soldados pediram autorização ao vigia da escola para entrar com a viatura. Ao adentrarem, apagaram as luzes do carro, ligaram o ar-condicionado e dormiram. Segundo informações, o fiscal de policiamento do turno percebeu a ausência da viatura rondando na área e recorreu ao sistema de monitoramento das viaturas e, através de imagens via satélite, descobriu a exata localização do veículo dirigindo-se até o colégio e fazendo o flagrante por volta das quatro horas da madrugada. Os policiais cumpriram processo administrativo e acabaram expulsos da Polícia Militar “*por comprometerem a segurança da sociedade*”, nas palavras do Comandante Geral da Polícia Militar do Ceará.

O caso mais recente de policial do Ronda do Quarteirão flagrado dormindo em serviço poderia ter sido “apenas mais um”, não fosse por um detalhe curioso: desta vez,

---

<sup>27</sup> Ver: RONDA do Quarteirão sob investigação sigilosa. **O Povo Online**. Fortaleza, 13 jul. 2009. Disponível em <<http://blog.opovo.com.br/blogdoeliomar/ronda-do-quarteirao-sob-investigacao-sigilosa/>>. Acesso em: 13 jul. 2009.

<sup>28</sup> Ver: SOBE para 9 o número de PMs presos por dormirem em serviço. Fortaleza, 12 out. 2010. Disponível em: <<http://verdesmares.globo.com/v3/canais/noticias.asp?codigo=302615&modulo=183>>. Acesso em: 1 mai.2012.

quem estava dormindo era exatamente um fiscal de policiamento e o flagrante não foi feito através do sistema de câmeras da viatura. Foram os próprios soldados que gravaram pelo celular as imagens, que rapidamente foram divulgadas na internet. Através da confirmação de um dos nossos interlocutores, descobrimos que o fiscal e os policiais que gravaram o vídeo trabalham no NPC onde está sendo realizada esta pesquisa. Segundo alguns relatos e comentários, este fiscal também não agradava os subalternos: *“Ele mexia com todo mundo”*, disse um deles. E completou: *“Ele ainda tem resquícios da PM antiga, autoritária. Do mesmo jeito que os soldados cruzetaram<sup>29</sup> ele, um oficial também pode armar pra cruzetar o soldado. Infelizmente na polícia é assim”*. Comentários do tipo *“Aqui se faz, aqui se paga”*, ou *“ele colheu o que plantou”*, foram comuns. Conversando com um interlocutor através de uma rede social ele enviou, inclusive, uma paródia que os soldados haviam criado a respeito desses vídeos a partir de uma música de forró recente<sup>30</sup>: *“Quem nunca cochilou, quem nunca roncou / no trabalho, no trabalho / Fez um ‘PB’<sup>31</sup> e tirou um ‘x’<sup>32</sup> / na hilux, na hilux / Hilux parada com vidro embaçado / Cuidado, cuidado, é o cabo deitado / Roncando e babando tem gente filmando / Bancos reclinados / y<sup>33</sup> deitado / Cruzeteiro do cabo / do cabo do cabo”*.

Todos esses acontecimentos, bem como a paródia, evidenciam, além das tensas relações de poder dentro da Polícia Militar, uma questão importante constatada também no relato de um policial sobre este caso: *“Cara, tirar um cochilo no serviço todo mundo tira: fiscal, soldado... É a coisa que mais acontece. Agora o cara era foda, aí a galera gravou e entregou o cara mesmo”*. Esta fala revela exatamente que, para além de uma proibição, “tirar um cochilo” durante o serviço é para o policial em seu cotidiano de trabalho algo tão corriqueiro quanto legítimo, seja por cansaço, sono ou um descanso durante o PB: *“Quando você é levado pelo cansaço, pelo sono mesmo, acaba dormindo, sem se tocar...”*, *“Durante os quinze minutinhos ali no PB muita gente cochila mesmo”*.

---

<sup>29</sup> Na linguagem policial “cruzeta” significa armação, mentira, traição.

<sup>30</sup> Música “Motel disfarçado”, da banda Aviões do Forró.

<sup>31</sup> “Ponto-Base”. Local estratégico dentro da área de atuação onde normalmente os policiais param as viaturas por um determinado tempo durante o serviço.

<sup>32</sup> “Sono”.

<sup>33</sup> Apesar da identificação do policial nos vídeos, optamos aqui por não citar seu nome.

### **3. Construção das redes de sociabilidade no cotidiano de trabalho policial: entre informalidades e ilegalismos**

Não é novidade que em decorrência da “função social” de preservação da segurança pública que é oficialmente atribuído às organizações policiais, espera-se destas o assíduo cumprimento às regras e leis. Diversos estudos sobre a atividade policial e casos noticiados na imprensa, no entanto, mostram que por trás de uma aparente observância rígida à legislação, a informalidade (e, não raro, a ilegalidade) exerce protagonismo no cotidiano de trabalho das polícias.

Para Monjardet (2003), na profissão policial existe um grau relativamente alto de autonomia que inúmeras vezes ultrapassa o controle hierárquico e os regulamentos. Ao tratar da noção de informalidade, o autor tem o cuidado de não caracterizá-la como um “desvio”, mas antes como uma forma de adaptação de tais normas ao cotidiano de trabalho, no qual as maneiras de se trabalhar adquirem, por vezes, uma nova roupagem.

Bretas (1997, p.35) afirma que “é na atividade cotidiana policial que se estruturam os significados que conformam a ação policial [e] [que] podemos buscar as origens de seu saber”. Um saber construído e apreendido pelo policial na rua e ajustado ao seu cotidiano de trabalho. É, portanto, na prática que cada policial procura a cada nova circunstância uma forma de equilíbrio e adaptação aos mais diversos aspectos que atravessam o fazer policial: “*na rua ou você se molda ou você não ‘sobrevive’*”, disse certa vez um interlocutor.

No cotidiano de trabalho policial a lei só é cumprida até certo ponto. No universo organizacional da polícia, as “visões de mundo” construídas pelos policiais, ou seja, o sistema de representações sociais compartilhadas entre eles, expressa não apenas um sistema legal, mas também um conjunto de aspectos (crenças, preconceitos, estereótipos) da gramática da subjetividade policial produzidos a partir de experiências vividas e revividas em seu cotidiano de trabalho (BRETAS e PONCIONI, 1999).

Na concepção do Ronda do Quarteirão enquanto proposta de uma polícia de proximidade que tem por objetivo o fortalecimento dos laços entre polícia e comunidade facilita, de certa forma, a construção de redes de sociabilidade durante a atividade policial. Em sua área de atuação o policial passa a conhecer e a se relacionar com as principais figuras que compõem agora seu cotidiano de trabalho: moradores, comerciantes, trabalhadores, transeuntes e infratores são algumas delas. A familiaridade

do policial com seu local de trabalho “fornece aos atores novas formas de transformar, manipular e sujeitar as condições de trabalho ao seu favor” (BARROS, 2005, p.90).

Nesse contexto, não é raro que o policial militar se insira em relações de troca, “agrado” e prestação de favores que oferecem oportunidades, facilidades e recompensas muitas vezes mais rentáveis e expressivas que a própria obrigação do trabalho policial. Sendo um dos motivos, inclusive, para que os chamados “bicos policiais” na segurança privada, atividades proibidas dentro da Polícia Militar, se tornem cada vez mais comuns. Dentre as configurações do bico<sup>34</sup> a mais expressiva no cotidiano de trabalho policial é o denominado “bico velado” ou, na linguagem policial, “sub-área”. Este tipo caracteriza-se por ser praticado durante o serviço policial: “[...] Existe uma forma velada de prestar serviços a determinados comerciantes que pagam para a viatura uma certa quantia, seja dinheiro, almoço ou lanche” (SILVA, 2010, p. 39).

No caso do Ronda do Quarteirão as sociabilidades mais facilmente construídas no cotidiano de trabalho dos policiais facilitam esta prática. É geralmente no momento em que fazem o chamado PB, citado anteriormente, que ocorre esse tipo de prática. Os policiais são orientados a fazer o PB em locais públicos, normalmente praças<sup>35</sup>. Mas na prática ele muitas vezes é feito próximo a postos de gasolina, restaurantes e comércios particulares, a partir de uma relação construída entre policiais e proprietários de tais estabelecimentos: “É proibido fazer esse tipo de PB. Quando estou de fiscal eu cuido para que os policiais não fiquem por lá”, disse uma vez um fiscal de policiamento.

Certa vez, conversando com o motorista terceirizado do microônibus que fica disponível para o NPC<sup>36</sup> ele, muito simpático, comentou que por falta de tempo ainda não havia almoçado e estava com fome. Uma das pesquisadoras aproveitando a deixa perguntou em tom de brincadeira: “não deu nem uma passadinha no PB pra comer um lanchinho não?”. Rindo, ele respondeu: “Não, não. A van não faz PB não. Lanchinho só para os policiais mesmo. Tem os donos de restaurante, os comerciantes que sempre oferecem uma comidinha pra eles. Precisa nem os meninos pedirem, eles que dizem: ‘olha cara, te dou teu almoço todo dia, mas fica passando aqui mais vezes, dando uma atençãozinha’”. Nesse momento, ela perguntou se os donos desses estabelecimentos normalmente ofereciam apenas comida ou algum outro tipo de “agrado”. Ele respondeu:

---

<sup>34</sup> Silva (2010) identifica três principais configurações do bico policial: na segurança de VIP, em estabelecimentos comerciais e na chamada “sub-área”.

<sup>35</sup> Cada área possui seus PB’s previamente estabelecidos pelo comando do NPC.

<sup>36</sup> Este microônibus é utilizado para transportar à delegacia as vítimas e acusados envolvidos em alguma ocorrência a fim de que a viatura não se ausente de sua área, deixando-a “descoberta”, para realizar esse traslado.



*“Que eu tenha conhecimento só comida. No Ronda é mais tranquilo, só se o cara for ruim mesmo, aí aceita dinheiro”*. Quando perguntado se ele via algum problema nesse tipo de troca imediatamente respondeu que não, e explicou: *“porque foi o comerciante que ofereceu, não foi o policial que foi pedir”*. Nestas falas percebemos a distinção que normalmente se procura fazer entre as barganhas que são consideradas legítimas (no caso da comida) ou não (dinheiro) de serem aceitas.

O caso de sub-área mais comum entre os policiais do Ronda do Quarteirão é exatamente o oferecimento de comida por parte de estabelecimentos comerciais. O próprio comando da Polícia Militar tem conhecimento dessa situação. Prova disso é que certa vez orientou publicamente os comerciantes a não oferecerem nenhum tipo de comida aos policiais, pois *“mensalmente eles recebem vale-refeição”*. É importante ressaltar que o valor de R\$ 6,05 do vale-refeição é até hoje motivo de insatisfação entre os policiais e, por vezes, objeto de chacota de funcionários terceirizados na Polícia Militar: *“Até o meu vale é maior!”*, disse rindo um deles. Certo dia no NPC, antes de alguns policiais saírem para o serviço de rua um dos fiscais – que acompanharia uma equipe neste dia – chamou um dos soldados e falou animado: *“Venha cá, não quero um ‘não’ como resposta. Arranja o café que eu arranjo o pão”*. O soldado respondeu: *“Tá tranquilo, dá pra desenrolar lá na área”*. Quando percebeu que a pesquisadora havia escutado o diálogo, desconfiado o fiscal olhou para ela e, justificando-se em vão, disse rindo ao soldado: *“Compra com os vales, aí viu”*.

As relações de troca entre policiais e proprietários de estabelecimentos comerciais nem sempre se dá a partir de uma proposta explícita entre eles, como no caso citado pelo motorista. Às vezes os interesses aparecem implícitos na relação. Uma das pesquisadoras em conversa com um colega de turma ouviu dele que o Ronda do Quarteirão sempre passava no lava jato de seu pai, onde quase sempre fazia gratuitamente uma lavagem na viatura. Sobre esta relação, seu pai explicou:

O Ronda chegou uma vez e pediu se eu poderia jogar um aguazinha debaixo da viatura, porque tinham atolado e tava sujo. Eu mandei lavar, depois eles perguntaram quanto era e eu não cobreí. Enquanto eles esperavam o carro lavar, iam pra lanchonete. Quando era apenas um café, não cobrava. Tinham dias que eles vinham apenas almoçar, e pagavam. Mas, eu aproveitava e mandava dar uma lavagem simples na viatura e nisso eles se tornaram bem próximos. Eles costumavam passar umas duas vezes por semana, entravam no lava jato, passavam de 20 a 30 minutos. Eles pediam pra lavar e perguntavam quanto era, eu não cobrava porque eu reconhecia que eles estavam ali protegendo a gente. Apesar de saber que eles ganham bem, mas a gente como cidadão tem quase a obrigação de oferecer algo, e lavar a pintura de um carro era algo que num precisava cobrar.

Para Barros (2005), é cômodo para um estabelecimento comercial “fazer amizade” com policiais, o que não deixa de ser uma garantia de privilégios. Para os policiais, ao mesmo tempo, receber a gentileza de tais estabelecimentos, como no caso relatado, cria uma “obrigação” de retribuí-la nem que seja oferecendo uma “sensação de segurança” através de uma “atenção especial” durante o trabalho ostensivo.

Em entrevista, um interlocutor ao relatar como se deu a relação com algumas vendedoras de lojas no bairro em que trabalhava disse que tudo começou quando elas comentaram que a loja já havia sido assaltada e, a partir daí, ele começou a ficar passando sempre em frente ao estabelecimento “pela relação de amizade”. Quando perguntado se alguma vez já haviam oferecido algo em troca desta “atenção especial” ele respondeu: *“Às vezes a pessoa oferece comida”,* e revelou: *“mas geralmente quem recebe são os superiores, pra dar atenção a certas lojas. As grandes lojas é que falam com os comandantes”*. Esta fala revela exatamente que, ao contrário do que se costuma pensar, muitos comandantes não só têm conhecimento destas situações como também mantêm estreitas relações com proprietários de estabelecimentos comerciais da área, muitas vezes, direcionando o policiamento ostensivo a partir dos interesses de suas redes de contatos: *“Os donos da loja não vão falar com soldado, eles vão falar com o comandante e o comandante é que vai botar o policiamento lá 24 horas. Porque o soldado ele tá ali só na hora que ele trabalha, oito horas diárias. Tudo é troca”*. Perguntou-se então qual era o objeto de troca nesse caso: *“Muito dinheiro. Rola muito dinheiro”*. E completou: *“O Ronda é mais discreto porque tem mais cobrança. O comandante tem que ser mais cauteloso pra fazer esses negócios darem certo. Porque qualquer coisa que o Ronda fizer a gente tá na imprensa”*.

A respeito desse caso, nosso interlocutor relatou de que maneira esta relação envolvendo os comandantes influencia também nos locais onde os policiais fazem os PBs, citados anteriormente:

Essas missões que eles passam, são todas de fundo político, de amizade. Por exemplo: tem uma loja de amigo tal, o amigo foi assaltado, “dê uma passadinha lá, fique passando por lá, faça o PB lá. Você tem que atender, informalmente né, que eles mandam. Ai não deu pra fazer... Uma das vezes não deu pra eu fazer porque tinha muita ocorrência onde eu trabalhava, então eu não posso sair da ocorrência. Ai o dono da loja liga pro meu comandante e pergunta por quê que a gente não tá passando lá, ai meu comandante não quer

saber se a gente tá atendendo ocorrência, se a gente tá numa abordagem fazendo o serviço. E briga com a gente. Ai me dá um pincel<sup>37</sup>.

Além desses casos, é importante também dizer o quanto a própria polícia utiliza a polícia para fins privados. Explicamos melhor: durante uma rendição, o comandante dirigindo-se aos policiais de uma das áreas que o NPC atende, chamou-lhes a atenção pelo fato de não estarem, segundo ele, fazendo a segurança de um outro comandante que faz sua corrida todos os dias em um determinado bairro: *“Pessoal, não tem o que fazer não. Deu 18:30h, encosta. O comandante faz a corrida dele todo dia nesse horário”*.

O fato é que todas essas relações que são estabelecidas durante o cotidiano de trabalho dos policiais acabam adquirindo uma importância e gerando um compromisso que sempre, ao ser honrado de forma particular, compromete a segurança que deveria ser oferecida a todos indistintamente na medida em que gerencia e regula, de certa forma, as atividades do policiamento ostensivo.

### **Algumas considerações**

De maneira ainda preliminar buscamos neste trabalho, a partir dos exemplos citados, ilustrar de que forma para além da proposta de uma “nova polícia”, do caráter normativo de regulamentos impostos aos agentes de segurança e de todo o aparato de vigilância ao qual estão submetidos, é a vivência da prática da atividade policial, com suas regras e mecanismos próprios de “sobrevivência” e reprodução, que inúmeras vezes determinam as ações policiais. Percebe-se também que é cada vez mais comum que as regras sejam modificadas pela prática e o quanto tais modificações são moralmente legitimadas entre os policiais.

---

<sup>37</sup> Na linguagem policial “dar um pincel” significa dar uma bronca.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARAÚJO, L. S. **Cotidiano e práticas policiais**: o Ronda do Quarteirão em revista. Monografia de Graduação. Departamento de Ciências Sociais/Universidade Federal do Ceará. Fortaleza, 2010.

BARREIRA, César (Org). **Questão de segurança**: políticas governamentais e práticas policiais. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2004.

\_\_\_\_\_. **Cotidiano despedaçado**: cenas de uma violência difusa. Fortaleza: Editora Pontes, 2008.

BARROS, L. A. **Polícia e Sociedade**: um estudo sobre relações, paradoxos e dilemas do cotidiano policial. 2005. Tese (Doutorado em Sociologia e Política) /Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2005.

BAYLEY, D. H; SKOLNICK, J.H. **Policimento Comunitário**: questões e práticas através do mundo. São Paulo: Edusp, 2002.

BRETAS, Marcos Luiz. Observações sobre a falência dos modelos policiais. **Tempo Social**, USP, São Paulo, n. 9 (1), p. 79-94, 1997.

BRETAS, Marcos Luiz; PONCIONI, Paula. Cultura policial e o policial civil carioca. In: PANDOLFI, Dulce Chaves; CARVALHO, José Murilo de; CARNEIRO, Leandro Piquet; GRZYNSZPAN, Máriio et aliii (Orgs). **Cidadania, justiça e violência**. FGV, 1999. p. 117-178.

CEARÁ, Secretaria de Segurança Pública e Defesa Social. **Projeto Ronda do Quarteirão**. Fortaleza: SSPDS, 2007.

FREITAS, G.J; MELLO, P.D.A; ALMEIDA, R.O. **Organizações policiais em revista**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2009.

MONJARDET, Dominique. **O que faz a polícia**: sociologia da força pública. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2003.

ROSENBAUM, D. P. A mudança no papel da polícia: avaliando a transição para policiamento comunitário. In: \_\_\_\_\_. BRODEUR, J-P. **Como reconhecer um bom policiamento**. São Paulo: EDUSP, 2002.

SILVA, A. M. S. **Agentes públicos na segurança privada**: a configuração do bico na cidade de Fortaleza. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Sociologia/Universidade Federal do Ceará. Fortaleza, 2010.

SOUSA, Emanuel Bruno Lopes de. **Ronda do Quarteirão**: um “acontecimento” na política de segurança pública? Dissertação de Mestrado. Mestrado Acadêmico em Políticas Públicas e Sociedade/Universidade Estadual do Ceará. Fortaleza, 2008.

Notícias de jornais:

ACIDENTES destroem viaturas. **Diário do Nordeste Online**. Fortaleza, 19 out. 2009. Disponível em: <<http://diariodonordeste.globo.com/materia.asp?codigo=681608>>. Acesso em: 1 mai. 2012.

ESPECIALISTAS alertam para formação policial. **Diário do Nordeste online**. Fortaleza, 8 nov. 2007. Disponível em: <[www.diariodonordeste.com.br](http://www.diariodonordeste.com.br)>. Acesso em: 29 mai. 2009.

GAROTO morto com tiro de PM. **Diário do Nordeste online**. Fortaleza, 26 jul. 2010. Disponível em: <<http://diariodonordeste.globo.com/materia.asp?codigo=821318>>. Acesso em: 20 set. 2010

PMS expulsos por praticar 'pega'. **Diário do Nordeste Online**. Fortaleza, 24 fev. 2012. Disponível em <<http://diariodonordeste.globo.com/materia.asp?codigo=1107963>>. Acesso em: 1 mai. 2012.

RONDA do Quarteirão sob investigação sigilosa. **O Povo Online**. Fortaleza, 13 jul. 2009. Disponível em <<http://blog.opovo.com.br/blogdoeliomar/ronda-do-quarteirao-sob-investigacao-sigilosa/>>. Acesso em: 13 jul. 2009.

RONDA é aprovado por 72% dos fortalezenses. **O Povo Online**. Disponível em:<<http://www.opovo.com.br/www/opovo/fortaleza/818827.html>>. Acesso em 21/11/2010.

SEGURANÇA recebe 286 milhões. **Diário do Nordeste online**. Fortaleza, 22 nov. 2007. Disponível em: <<http://diariodonordeste.globo.com/materia.asp?codigo=489461>>. Acesso em: 29 mai.2009.

SOBE para 9 o número de PMs presos por dormirem em serviço. Fortaleza, 12 out. 2010. Disponível em: <<http://verdesmares.globo.com/v3/canais/noticias.asp?codigo=302615&modulo=183>>. Acesso em: 1 mai.2012.